

GERAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS E CONSUMO: UM ESTUDO DE CASO NO AGLOMERADO DA SERRA, BELO HORIZONTE/MG

Jairza Fernandes Rocha da Silva (*)

* Consultora Ambiental (professorajairza@gmail.com)

RESUMO

O presente trabalho visa refletir sobre a geração de resíduos sólidos e consumo através de um estudo de caso no Aglomerado da Serra. Acredita-se que o delineamento da temática abordada no trabalho seja importante, uma vez que a gestão dos resíduos sólidos tem adquirido relevância entre as inúmeras prioridades da sociedade contemporânea. Tal complexidade envolve questões de cunho ambiental, econômico e também social.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo, Favelas, Meio Ambiente, Resíduos Sólidos, Produção.

INTRODUÇÃO

O Aglomerado¹ da Serra localizado na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte é considerado uma das maiores concentrações urbanas de favelas da capital mineira constituída por seis vilas, a saber: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Marçola, Santana do Cafezal e Novo São Lucas. A população das seis vilas é de aproximadamente 46.000 habitantes de acordo com os dados do Plano Global Específico (PGE) elaborado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) no ano de 2000.

Os vizinhos imediatos são os bairros da Serra, São Lucas, Novo São Lucas, Santa Efigênia, Paraíso e com as áreas de proteção ambiental da Serra do Curral o Hospital da Baleia e Parque das Mangabeiras. De acordo com o Plano Global Específico (PGE) a extensão territorial é de aproximadamente 145,9 hectares, ou seja, 1.459.000 m².



Figura 1: Mapa da Regional Centro-Sul.
Fonte: Site PBH.



Figura 2: Vilas do Aglomerado da Serra.
Fonte: PGE - URBEL, 2000. Adaptado.

Entretanto, no ano de 2007 os dados divulgados estimam um número superior a 50.000 habitantes². E na própria página da URBEL “As obras do Programa Vila Viva no Aglomerado da Serra, região Centro-sul da cidade, estão melhorando a qualidade de vida de cerca de 50 mil moradores (...) das vilas (...) que formam o maior aglomerado da cidade.”

Mas de acordo com os dados informados pelo site oficial da PBH em 2014, o contingente populacional diminuiu em mais de 40%, seriam cerca de 27.721 habitantes, e para tal contagem a PBH passa a utilizar o critério de Unidades de

¹O conceito adotado de favela consiste num território constituente da cidade caracterizada, em parte ou em sua totalidade, pelas seguintes referências: insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços; forte estigmatização sócio-espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade; níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho; edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado. Já o termo (aglomerados subnormais) é adotado pelo IBGE, que nunca adotou uma terminologia fechada, mas sim um termo genérico como sua definição. Fonte: Observatório de Favelas.

² População estimada de acordo com os dados fornecidos no artigo Favela: uma solução de dentro para fora, publicado no Jornal Valor Econômico em 2007 por Fernando Pimentel.

Planejamento (UPs), que são divisões espaciais localizadas dentro da mesma cidade. Foram criadas pela PBH para ajudar no planejamento urbano e na criação e execução de políticas públicas.

O fato mencionado anteriormente dificulta precisar ou torna controversa a quantificação feita pela gestão pública local, pois estas Unidades de Planejamento inclui o Aglomerado da Serra em duas UPs, a saber: UP Aglomerado da Serra (bairros constituintes: Vila Santana do Cafezal, Vila Marçola, Vila Nossa Senhora de Fátima, Vila Nossa Senhora Aparecida, Vila Nossa Senhora da Conceição, e Novo São Lucas) com população estimada em 27.721 habitantes. E a segunda UP Mangabeiras (bairros constituintes: Mangabeiras, Comiteco, Aglomerado da Serra –parte- e Acaba Mundo), com população estimada em 7.378 habitantes.

Deste modo, fica no mínimo complexo estimar o total de pessoas que residem na UP Mangabeiras que pertencem ao Aglomerado da Serra. Assim podemos inferir que a população atual possa ser superior ao que a PBH estima, e já levando também em consideração a remoção de um grande número de famílias do local devido ao Programa Vila Viva³, que promoveu a reurbanização do Aglomerado.



Figura 3: Vila Marçola. Aglomerado da Serra.

Fonte: UH Revista de Urbanização & Habitação. 2014

Alguns traços históricos sobre produção industrial e consumo

A ameaça que a atividade econômica exerce sobre os recursos naturais ficou bem mais clara no período histórico da revolução científica ocorrida no Século XV com a corrente universalista. Naquele período, o homem descobriu que ele não mais precisava aceitar as explicações heliocêntricas dos eventos naturais de forma passiva, sem questionar a verdade dos fatos. A partir de agora, ele poderia utilizar o conhecimento científico para intervir na natureza no intuito de se satisfazer baseado em sua nova visão que passou a ser antropocêntrica.

E avançando no tempo, o século XVIII trouxe a primeira Revolução Industrial que culminou numa grande alteração no modelo de produção econômica, do qual o homem através do uso da tecnologia aumenta gradativamente a manipulação dos recursos naturais em detrimento do atendimento das suas necessidades.

³ O Vila Viva foi um projeto de urbanização, com intervenções urbanísticas que visavam garantir o acesso aos serviços públicos da prefeitura e do governo do Estado. Realizado entre aos anos de 2005 a 2009.

Neste intrincado contexto das revoluções técnico-científicas o Mito da Natureza Infinita e do Progresso serviram de base para que a economia capitalista justifique-se institucionalmente todas as suas ações. O do Mito da Natureza Infinita (a Terra era considerada uma eterna fonte de recursos a serviço da produção dos bens materiais e imateriais) e o Mito do Progresso (devido ao aumento da produção de bens e serviços, gerados pela tecnologia, haveria um aumento da produção econômica mundial, que levaria a melhoria na qualidade de vida em todas as partes do mundo).

Nos dias de hoje, conclui-se que tais argumentos empregados para a implantação do sistema capitalista não passavam de falácias, uma vez que gerou concentração de riqueza e qualidade de vida só para uma parcela muito reduzida da população mundial. Contudo gerou uma ampla exploração e destruição dos recursos naturais aumentando assim o número de pessoas excluídas socioeconomicamente, principalmente nos países pobres.

Com o incremento contínuo da industrialização e o conseqüente aumento do consumo de mercadorias, a geração de resíduos sólidos tornou-se um problema em nível mundial. No Brasil, por exemplo, verificou-se o processo de industrialização tardia e que deu de forma diferente. O volume de resíduos gerados atualmente está intrinsecamente relacionado à sofisticação das novas tecnologias, que criam equipamentos que caem na obsolescência programada e visual em questão de meses, ou seja, os bens são cada vez menos duráveis e saem da moda a cada mudança da estação do ano.

E este ciclo é alimentado pela mídia globalizada que permite à sobrevivência do sistema econômico capitalista, através do incentivo a adoção de uma cultura global em detrimento das culturas locais, cultura esta que coloca em destaque o “ter” em função do “ser”, ou seja, a pessoa passa a ser o que ela pode consumir. Assim a sociedade atual necessita consumir cada vez mais produtos, tornando necessário cada vez mais aumentar a exploração dos recursos naturais (renováveis e não renováveis).

A problemática da geração dos resíduos sólidos e as implicações no meio ambiente

As questões ambientais tomam um caráter mundial, afinal a poluição do ar, águas e solo não respeita as fronteiras estabelecidas entre as cidades, estados, países e até mesmo continentes. A exploração crescente dos recursos naturais da forma com que vem sendo feita coloca em risco as condições físicas de vida no planeta, na medida em que a economia capitalista demanda um nível e tipo de produção e consumo que são ambientalmente insustentáveis. Somando-se a este quadro temos as questões de cunho econômico e social que estão na base dos problemas ambientais, uma vez que o capital tem que acelerar a produção para garantir a sua (re)produção.

Podemos perceber ao longo dos últimos 30 anos o aumento significativo das pequenas e médias cidades, além disso, verificando o crescimento do tecido contínuo nas metrópoles. Na mesma proporção, verifica-se ainda uma falta de investimento em infraestrutura no que se refere a: saneamento, a habitação, a educação, entre outros. Esse quadro nos faz (re)pensar acerca do consumo, da geração e da disposição de tais resíduos, pois se tornou fundamental para a manutenção de nossa sobrevivência.

Embora, na maioria das vezes nem todas as pessoas consigam perceber a real dimensão que esta problemática traz para o nosso cotidiano, já começamos a sentir seus reflexos na ordem econômica e ecológica. A poluição dos cursos d'água, a péssima qualidade do ar nos centros urbanos, a poluição visual, etc. Sendo que esta última é um bom exemplo, a ser citado na atual conjuntura de BH, que teve o aumento dos botas-foras, principalmente nos lotes vagos, em áreas que margeiam o Anel Rodoviário de BH e vias públicas de menor circulação, uma vez que o aluguel de uma caçamba com volume de 5m³ subiu 230% em maio do ano de 2010 e se mantém até hoje. Em BH descartar seu entulho de forma ambientalmente correta chega a custar cerca de 31% do salário mínimo vigente em setembro de 2014.

Além disso, após o final da vida útil do aterro da capital em dezembro de 2007, a prefeitura optou por descartar os resíduos domésticos no aterro sanitário de Macaúbas na cidade de Sabará, localizado na Região Metropolitana de BH, fato este, que torna a disposição de resíduos cada vez mais onerosos para o município, que gasta mais com transporte, combustível e destinação adequada de seus resíduos, cerca de 1.800 toneladas de resíduos oriundos de coleta domiciliar nos bairros, vilas e favelas.

Quadro do consumo nas camadas populares

No final da década de 1990 devido à conjuntura econômica estável pode-se observar um aumento expressivo no número de postos de trabalho e conseqüentemente o aumento do ganho material nas classes D e E. Martins e Sânzio (2008) argumentam que milhões de brasileiros conseguiram nos últimos anos entrarem para o mercado de consumo e formar um batalhão que saiu às compras. Isto demonstra uma alteração significativa no que diz respeito a categorização de classes no Brasil

Segundo o novo critério, 43% da população das regiões metropolitanas do país são da classe C, sendo 21% na C1 (renda média de R\$ 1.195) e 22% na C2 (R\$ 726). Em seguida, vem a classe D (25%), com rendimento familiar de R\$ 485. Logo após, estão 24% de indivíduos com rendimento máximo de R\$ 3.500, enquadrados na classe B, também

dividida em B1 e B2. A classe A envolveria famílias com renda média de R\$ 6.500 (A2) e R\$ 9.700 (A1). Por último, a camada E, com renda média de R\$ 276, equivale a 3% da população.

Nos próximos 10 anos, estima-se cerca de 20 milhões tenham a trajetória semelhante, o que fortalecerá ainda mais a participação econômica das classes C, D e E. Porém percebe-se que o consumo de hoje não diz respeito somente a satisfação das necessidades. Estas camadas também foram picadas pela mosca do desejo de ser, de ter e aqui não vemos o consumo com algo que seja nocivo a humanidade e sim natural, uma vez que precisamos consumir para sobreviver e já fazemos isto desde os primórdios de nossa história.

Entretanto, o que se percebe é que os consumidores das respectivas classes se envolveram em um movimento cíclico de comprar, comprar cada vez mais sem ao mesmo tempo passar por uma reflexão consciente e isso tem um que de perverso, pois o movimento passa a ser trabalhar, consumir, descartar e novamente trabalhar mais, consumir mais e descartar mais. Gerando um ciclo no qual estamos nos enrolando cada vez mais até o pescoço, reproduzindo assim de certa maneira os hábitos presentes nas classes A e B. Tal constatação é corroborada a luz do pensamento de Bauman (2001) quando refere-se que,

A história do consumismo é a história da quebra e descarte de sucessivos obstáculos “sólidos” que limitam o vôo livre da fantasia e reduzem o “princípio da realidade”. A “necessidade”, considerada pelos economistas do século XIX como a própria epítome da “solidez” – inflexível, permanentemente circunscrita e finita – foi descartada e substituída durante algum tempo pelo desejo, que era muito mais “fluido” e expansível que a necessidade por causa das suas relações meio ilícitas com sonhos meio plásticos e volúveis sobre a autenticidade do “eu íntimo” à espera de expressão. Agora é a vez de descartar o desejo. Ele sobreviveu à sua utilidade: tendo trazido o vício do consumidor a seu Estado presente, não pode mais ditar o ritmo. Um estimulante mais poderoso, e, acima de tudo, mais versátil é necessário para manter a demanda de consumidor no nível da oferta. O “querer” é o substituto necessário; ele completa a libertação do princípio do prazer, limpando e dispondo dos últimos resíduos dos impedimentos do “princípio da realidade”: a substância naturalmente gasosa foi finalmente liberada do contêiner. (BAUMAN, 2001, p. 89)

No que se refere ao contexto brasileiro não desconsideramos, porém que frente às desigualdades socioeconômicas ainda uma parcela significativa das classes C, D e E tem acessado a bens mesmo que seja pela via de subconsumo.

Neste contexto que ainda não foi totalmente delineado temos que pensar como fazer a gestão dos resíduos sólidos, pois o consumo crescente de bens industrializados não tende a desacelerar no momento, muito pelo contrário, a produção de bens que apresentam características de baixa degradabilidade não oferece muitas alternativas ao meio ambiente. Deste modo, o custo com a coleta, tratamento e disposição final se torna mais onerosos para o Estado e para a população.

Geração de resíduos no Aglomerado da Serra

No caso do Aglomerado da Serra, podemos observar que embora não tenha sido feita uma classificação dos resíduos sólidos descartados dentro do Aglomerado, constatamos que houve um aumento expressivo do descarte de móveis (sofá, guarda-roupa, mesa), eletrodomésticos (fogão, geladeira, liquidificador, dentre outros), embalagens de alimentos prontos, frascos plásticos (PET, cosméticos, etc), restos de comida. De acordo com o depoimento dos moradores que residem no local a mais de 20 anos confirmaram que a quantidade de lixo gerada hoje não é nem de longe o que eles presenciavam no início da década de 1990. O caminhão de coleta chega a passar em alguns pontos até duas vezes ao dia de segunda a sábado, de acordo com a área.

Mesmo diante o quadro de insuficiência do tratamento da gestão de geração de resíduos no Aglomerado, por parte dos serviços públicos ali prestados, os moradores apontam que houve uma melhoria na qualidade de vida, pois, conforme a opinião deles, agora já é possível ter em seus lares equipamentos. Mas não ignoram também o fato de que este acesso vem acompanhado de contas a pagar que comprometem uma parte significativa do orçamento familiar, os quais estão dispostos a pagar para obter de certa forma através de uma pseudo-inclusão. A qual vem sendo muito bem trabalhada pelas grandes corporações que já detectaram um imenso filão de mercado a ser explorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ÁVILA, Cássio Ricardo; NASCIMENTO, Peter César. Mapeamento Geológico – Geotécnico da Região do Aglomerado da Serra e Adjacências, Zona Leste de Belo Horizonte – MG. 2005. 113 f. Monografia (Conclusão de curso Geologia). IGC, UFMG, Belo Horizonte, 2005.
2. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução, Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
3. LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução de Heloísa Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 1999.
4. MARTINS, Janaína; Rafael SÂNZIO. Mais de 7,4 milhões no batalhão de consumo. Revista Desafios do Desenvolvimento. IPEA. Disponível em: <<http://dasafios.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttcdchave=3499>>. Acesso em: 12/05/2010.
5. O Que é Favela. Caderno de Textos do Observatório de Favelas. Disponível em: <<http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/includes/publicacoes/164308ca4eebfdf4fd62ab414e0ad4fb.pdf>>. Acesso em: 14/07/2010.
6. PIMENTEL, Fernando. Favela: uma solução de dentro para fora. Jornal Valor Econômico. 2007.
7. PINHEIRO, Camila Lemieszek. Favelas em Belo Horizonte: de suas origens a tipologia atual, 2007, 50 f. Monografia (Conclusão de curso Ciências Econômicas). FACE, UFMG, Belo Horizonte, 2007.
8. UH Revista de Urbanização & Habitação. Belo Horizonte. Jan.2014. Ano I. Nº 1. Cia. Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte - Urbel
9. RETONDAR, Anderson Moebus. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, jan./abr 2008.
10. RODRIGUES, Ernesto. Entulho suja a cidade. Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte. 29 de março de 2010.
11. Regional Centro-Sul Estatísticas. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=regionalcentrosul&tax=13757&lang=pt_BR&pg=5460&taxp=0&. Data: 10 de setembro de 2014.
12. URBEL. Aglomerado da Serra. Aglomerado da Serra. Transformação no Aglomerado da Serra. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&lang=pt_BR&pg=5580&tax=43418